

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

Hermisten Maia Pereira da Costa¹

RESUMO

Partindo do livro de *Atos dos Apóstolos* escrito por Lucas, o artigo traz uma análise de alguns aspectos da igreja e sua missão no Novo Testamento. Demonstra a responsabilidade dela como testemunha comissionada e agente do plano redentor de Deus, enfatiza a importância fundamental do Espírito Santo na condução da igreja em seu testemunho, uma vez que ela, em sua própria constituição, é uma amostragem da graça redentora de Deus.

Palavras-chave: Igreja. Evangelização. Espírito Santo. Testemunho. Crescimento da igreja.

ABSTRACT

Starting from the book Acts of Apostles written by Luke, the author analyses some aspects of church and its mission in the New Testament. He also demonstrates the church responsibility as a commissioned witness, and agent of the redeemer plan of God. He emphasizes the fundamental importance of the Holy Ghost on leading church in its testimony, being the church in its very constitution an example of the redeeming grace of God.

Keyword: Church. Evangelization. Holy Ghost. Testimony. church growth.

¹ O autor é graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (SPS) e Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM/SP), e em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG). É especialista em Educação, Didática do Ensino Superior, Administração com ênfase em Recursos Humanos e Estudos de Problemas Brasileiros (UPM/SP) e em História pela FAI; é mestre e doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Ensina em Seminários Presbiterianos, no Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR) e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM/SP); além disso, é professor visitante em escolas de Teologia no Brasil e no exterior. Tem centenas de artigos publicados e algumas dezenas de livros. E-mail: hermisten@terra.com.br.

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

INTRODUÇÃO

Nos círculos evangélicos, um dos assuntos mais debatidos em nossos dias, é a questão do crescimento de igreja. Há pessoas e grupos que estabelecem de forma universalizante, determinados meios que, alegadamente, “funcionaram” aqui e acolá. Há, sempre, em cada descrição uma tentativa de legitimar os seus atos e a universalização de suas propostas.

Como cristãos evangélicos, entendemos que a Bíblia é a fonte de todo o nosso conhecimento. As Escrituras têm diretrizes para nos guiar em todas as áreas de nossa existência. A evangelização, corretamente entendida, encontra o seu fundamento nas Escrituras. Portanto, quando estudamos este assunto, faz-se necessário, buscar nelas, orientação para o direcionamento de nossa vida e, conseqüentemente, para o nosso modo de agir.

Se estamos preocupados com o crescimento da Igreja hoje, façamos um estudo da Igreja Primitiva. A partir daí poderemos, juntos, perceber o crescimento dela. Conheceremos como Deus agiu por meio de seu povo, mesmo ele sendo imperfeito, como nós também, hoje, o somos.

Ao lermos o Livro de Atos, em especial, devemos estar atentos àquilo que é descritivo e ao que é-nos ordenado. O descritivo, ainda que sirva de parâmetro, não estabelece um mandamento divino; o ordenado, no entanto, é para ser cumprido sempre.

Atos é o *Livro eixo do Novo Testamento*, pois estabelece uma ligação entre os Evangelhos e as Epístolas, e mostra, em forma de esboço, o crescimento da Igreja, que vai de Jerusalém à Roma, a capital do mundo gentílico.

Certamente, um dos objetivos do livro de Atos é retratar o crescimento da Igreja, ultrapassando barreiras geográficas, religiosas e culturais, culminando com a chegada de Paulo à Roma. Por isso, seus rudimentos podem ser considerados a partir dos registros do crescimento da Igreja (Vejam-se: At 2.41,47; 4.4; 5.14; 6.7; 9.31; 12.24; 16.5; 19.20; 28.31). Além disso, *fornecem-nos* pistas a respeito dos judeus da Ásia e do Norte da África que ouviram o sermão de Pedro, muitos dos quais, devem ter sido convertidos em Jerusalém (At 2.9,10/2.41); fala-

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

nos, também, do Eunuco etíope que, após a sua conversão e batismo, continuou o seu caminho “cheio de júbilo” (At 8.37-39). Estes homens voltaram para as suas cidades. Que método usaram para difundir a sua fé? Atos também descreve como o Evangelho foi pregado por Paulo na Europa (At 16.9-15).

Os testemunhos históricos que temos, a partir do segundo século, informa-nos que apesar de perseguidos, os cristãos davam o seu testemunho, sendo muitas vezes martirizados. Aliás, a palavra *testemunha*, originalmente, em grego significa *mártir*. Vemos também que o comportamento deles era contagiante por meio de sua conduta diferente. Eles procuravam se pautar pela Palavra de Deus.

1 O PODER DO ALTO

Antes de ser assunto aos céus, o Senhor Jesus, ressurreto – diante da curiosidade de seus discípulos que o inquiriam sobre o que não lhes era pertinente –, lhes disse: “[...] recebereis poder (δύναμις), ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas (μάρτυς) tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8) (ênfases nossas).

Na redação do Evangelho, Lucas registrou palavras semelhantes, oferecendo-nos, contudo, outros detalhes:

⁴⁴ A seguir, Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos.⁴⁵ Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras;⁴⁶ e lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia⁴⁷ e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém. ⁴⁸Vós sois testemunhas (μάρτυς) destas coisas. ⁴⁹ Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder (Lc 24.44-49) (ênfases nossa).

Realcemos alguns pontos no texto:

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

a) Os discípulos de Cristo só entenderam as Escrituras, quando o próprio Jesus lhes abriu o entendimento (Lc 24.45). Bruce (1910-1990) está correto ao afirmar que:

Os crentes possuem um padrão permanente e um modelo no uso que nosso Senhor fez do Antigo Testamento, e uma parte do atual trabalho do Espírito Santo no tocante aos crentes é abrir-lhes as Escrituras, conforme o Cristo ressurreto as abriu para os dois discípulos no caminho para Emaús (Lc 24.25ss) (1966, p. 753).

b) Os discípulos como testemunhas deveriam pregar o Evangelho profetizado e vivenciado por eles na companhia de Jesus Cristo, o Verbo Encarnado (Lc 24.47-48).

c) O alcance dessa missão primitiva teria início em Jerusalém e depois se estenderia a todo mundo: universalidade da pregação (Lc 24.47).

d) Eles deveriam aguardar até que fossem revestidos (ἐνδύω)² de poder (Lc 24.49).

e) O poder (δύναμις) que receberiam seria do alto (ὑψόω)³ (Lc 24.49).

É sob este poder que a Igreja caminhará em sua vida e testemunho. É o que veremos no próximo tópico.

2 ATOS: O TESTEMUNHO NO PODER DO ESPÍRITO

O Evangelho é o poder de Deus (Rm 1.16). *A Palavra da Cruz* é poder de Deus (1Co 1.18); e a *Palavra da Graça* é poderosa para nos edificar (At 20.32; 2Tm 3.15). Jesus Cristo é o poder de Deus (1Co 1.24). Paulo pregou o Evangelho com demonstração do Espírito e de poder para que a fé dos coríntios não se apoiasse em palavras, mas em poder (1Co 2.4-5; 1Ts

² ἐνδύω tem o sentido literal de “vestir-se” (Mt 6.25; 27.31; Mc 1.6; Lc 15.22; At 12.21) e, quase que exclusivamente em Paulo, a aplicação figurada de “revestir-se”: a) De poder (Lc 24.49); b) Das armas da luz (Rm 13.12); c) Do Senhor Jesus (Rm 13.14; Gl 3.27); d) Do novo homem (Ef 4.24; Cl 3.10); e) De toda armadura de Deus (Ef 6.11,14); f) De ternos afetos (Cl 3.12); g) Da couraça da fé e amor (1Ts 5.8). A palavra descreve também a nossa ressurreição como um revestimento de imortalidade e incorruptibilidade (1Co 15.53-54).

³ ὑψος literalmente tem o sentido de “altura”, como no texto de Lucas e, também, de “dignidade” (Tg 1.9) (*Lc 1.78; 24.49; Ef 3.18; 4.8; Tg 1.9; Ap 21.16). O verbo (ὑψόω) é traduzido em geral por “eleva” (Mt 11.23; Lc 10.15; Jo 3.14); “exaltar” (Mt 23.12; Lc 1.52; 14.11; 2Co 11.7; Tg 4.10; 1Pe 5.6) “levantar” (Jo 3.14; 8.28; 12.32).

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

1.5). O Evangelho não parte de fábulas inventadas (2Pe 1.16). “[A] fé saudável equivale à fé que não sofreu nenhuma corrupção proveniente de fábulas”. (CALVINO, 1998, (Tt 1.14), p. 320).

Em Atos 4.33, lemos: “Com grande poder (δύναμις) os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus [...]” (ênfase nossa) A Igreja cumpria a missão dada por Jesus Cristo com fidelidade, pois, ele mesmo ordenou: “[...] e sereis minhas testemunhas” (At 1.8).

A Igreja teve uma experiência pessoal com o seu Senhor e, foi comissionada por ele mesmo a dar testemunho perante o mundo, dos atos salvadores de Deus e das suas virtudes (Mt 28.19,20; Mc 16.15; 1Pe 2.9,10). A eficácia do ministério da Igreja consiste em apontar para a obra eficaz de Jesus Cristo, testemunhando, então, o perdão do seu próprio pecado. A Igreja apresenta-se como resultado histórico, fruto da ação misericordiosa de Deus em Cristo. Ela não cria, nem, tão pouco, é a mensagem; é apenas o sinal, mais ou menos luminoso, dependendo de sua fidelidade à Palavra, que aponta para o seu Senhor (Mt 5.14-16; At 2.14ss; 5.30-32; 20.27-21; 22.12-15; 26.22,23; 1Jo 1.2,3).

A missão da Igreja inspira-se e fundamenta-se no exemplo Trinitário. O Pai envia o seu Filho (Jo 3.16), ambos enviam o Espírito à Igreja (Jo 14.26; 15.26; Gl 4.6), habitando em nossos corações (Rm 8.9-11,14-16). E nós, como embaixadores, somos enviados pelo Filho, sendo guiados pelo Espírito de Cristo (Jo 17.18; 20.21). O modelo de nossa missão, nós temos, de modo especial, no Filho. O Deus encarnado é o paradigma mais sublime da missão da igreja. Missão requer engajamento de serviço e, este, não pode prever e controlar os riscos.

a) “[...] em Jerusalém...”

O resultado da pregação eficiente e de uma vida cristã autêntica, além de outras coisas secundárias tais como, conversões, crescimento da igreja e fortalecimento na fé, redundam na glória de Deus (Mt 5.14-16; 2 Co 9.12-15), resultando naturalmente, conforme o exemplo bíblico, no crescimento espiritual e numérico da Igreja. O Livro de *Atos* registra que enquanto a Igreja testemunhava e vivia o Evangelho, “[...] acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

iam sendo salvos” (At 2.47); e mais: “Crescia a palavra de Deus e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé” (At 6.7. Leia também: At 2.41; 4.4; 9.31; 12.24; 14.1).

b) “[...] Judéia e Samaria e até aos confins da terra”

Após o eloquente e desafiante sermão de Estevão e, a sua consequente morte por apedrejamento (At 7.1-60)_ a forma judaica de executar os culpados de blasfêmia (Lv 24.16; Jo 10.33) – o grupo inquisidor estimulado por esta atitude assassina, promoveu “[...] grande perseguição contra a igreja de Jerusalém” (At 8.1), com a permissão do sumo sacerdote (At 8.3; 9.1, 2).

O termo usado em At 8.1 para descrever a *perseguição* apresenta a ideia de uma caça violenta e sem trégua.⁴ Lucas, inspirado por Deus, pinta este quadro de forma mais forte, adjetivando a perseguição como *grande*, indicando assim, a severidade da perseguição. Saulo foi o grande líder desta ação contra os cristãos (At 8.1; 9.1,2; 22.4,5; 26.9-12).

Nesta primeira grande perseguição, vemos claramente a direção divina:

1) Os apóstolos não foram dispersos, permanecendo em Jerusalém (At 8.1), podendo assim, sedimentar a mensagem do Evangelho em Jerusalém.

2) Até aquele momento, a Igreja não havia cumprido a totalidade da ordem divina, que dizia: “[...] mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1.8). Os apóstolos, ao que parece, não haviam saído dos limites da Judéia com o objetivo de pro-

⁴O substantivo “*perseguição*” (Διωγμός = “caça”, “pôr em fuga”) dá a entender a figura simbólica de um animal caçado, de uma presa perseguida, de um tormento incansável e sem misericórdia. Esta palavra denota mais especificamente as perseguições promovidas pelos inimigos do Evangelho; ela se refere sempre à perseguição por motivos religiosos (Vejam-se: Mc 4.17; At 8.1; 13.50; Rm 8.35; 2Tm 3.11). O verbo Διώκω é utilizado sistematicamente para aqueles que perseguiam a Jesus, os discípulos e a Igreja (Mt 5.10-12; Lc 21.12; Jo 5.16; 15.20). Lucas emprega este mesmo verbo para descrever a perseguição que Paulo efetuou contra a Igreja (At 22.4; 26.11; 1Co 15.9; Gl 1.13,23; Fp 3.6), sendo também a palavra empregada por Jesus Cristo quando pergunta a Saulo do porquê de sua perseguição (At 9.4-5/At 22.7-8/At 26.14-15). Paulo diz que antes perseguia a igreja (Fp 3.6), mas, agora, prosseguia para o alvo (Fp 3.12,14).

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

clamar o Evangelho.

O verbo usado para descrever a *dispersão* – διασπείρω – (At 8.1,4), está ligado à sementeira e semeadura, sendo empregado unicamente por Lucas no Novo Testamento e somente para descrever este episódio (*At 8.1,4; 11.19). Assim, por intermédio da perseguição, os discípulos saíram de Jerusalém levando as Boas Novas do Evangelho (At 8.4), semeando a semente do Evangelho de Cristo (1Pe 1.23).

Filipe, um dos diáconos eleitos (At 6.5), pregou em Samaria e muitos se converteram (At 8.5-8). Posteriormente, ele evangelizou, mediante a direção de Deus (At 8.26), um judeu etíope, que era tesoureiro da rainha Candace – título esse semelhante ao de “Faraó”, não indicando o nome próprio de uma pessoa –, que se converteu, sendo então batizado (At 8.38). Após o batismo do etíope, “Filipe veio a achar-se em Azôto; e, passando além, evangelizava todas as cidades até chegar a Cesaréia” (At 8.40).

De passagem, pontuamos que o Evangelho deve ser anunciado a todas as pessoas, independentemente de sexo, raça, cultura, cor e condição socioeconômica, quer seja a grandes grupos (At 8.5-6),⁵ quer seja a um indivíduo em particular (At 8.34-35).⁶

Outro fato que evidencia a ação providencial de Deus na perseguição de Jerusalém, está registrado em Atos 11.19-21, onde lemos no versículo 19: “Os que foram dispersos, por causa da tribulação que sobreveio a Estevão, se espalharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia”. Em 20 e 21, temos ainda a proclamação expandindo-se: “Alguns deles, porém, que eram de Chipre e de Cirene, e que foram até Antioquia, falavam também aos gregos, anunciando-lhes o evangelho do Senhor Jesus. A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor”. Vemos, desta forma, que o Evangelho estava sendo disseminado, e como elemento gerador, uma perseguição que parecia ser fatal para a Igreja de Cristo, entretanto, Deus a redundou em bênçãos para o seu povo (Gn 50.20; Rm 8.28).

A difusão do Evangelho é demonstrada mais tarde, ainda no período neotestamentário,

⁵“Filipe, descendo à cidade de Samaria, anunciava-lhes a Cristo. As multidões atendiam unânimes às coisas que Filipe dizia, ouvindo-as e vendo os sinais que ele operava” (At 8.5-6).

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

por meio das Epístolas de Tiago e Pedro: a de Tiago destinada “[...] às doze tribos que se encontram na Dispersão” (Tg 1.1) e a de Pedro, “[...] aos eleitos, que são forasteiros da Dispersão, no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia, e Bitínia” (1Pe 1.1. Leia também, At 17.6).

3) Por meio do zelo cego de Saulo em perseguir os cristãos, Deus o chamou eficazmente (At 9.1-5), e o regenerou, porque para Ele, Saulo era “[...] um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel” (At 9.15). Mais tarde, Paulo, o antigo Saulo, escreveu aos gálatas: “Quando, porém ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprouve revelar seu Filho em mim, para que eu pregasse entre os gentios” (Gl 1.14,15). Saulo, o grande perseguidor, agora era Paulo, o apóstolo de Cristo levando a mensagem salvadora do Evangelho a todos os povos, chegando à capital gentílica (Roma) e, desejando prosseguir em sua missão, e, se possível, atingir a Espanha (At 28.16ss; Rm 15.22-29).

Por intermédio do trabalho de Filipe, Pedro, Paulo, Barnabé, Silas, Timóteo, Tito e de milhares de irmãos anônimos, o Evangelho proliferou em todos os continentes. Nós, hoje, somos herdeiros desta proclamação. O crescimento da Igreja impulsionado pelo Espírito era operado por intermédio de todos os irmãos. Todos estavam comprometidos com a obra missionária quer em suas cidades, quer em outras regiões.

c) Fidelidade, perseguição, crescimento e consolo

A Igreja, no Novo Testamento logo enfrentou uma série de perseguições, geradas num primeiro momento, pelos judeus que incitavam as autoridades romanas. Para citar apenas algumas, temos a perpetrada contra Estevão, que morreu apedrejado (At 7.1-60); a de Herodes Agripa I, que prendeu a Pedro e decapitou Tiago (At 12.1-3); Paulo, o antigo perseguidor do Evangelho, foi aquele que mais sofreu perseguições (At 9.23-25,29; 14.2-7,19; 16.19-24; 17.4-9, 13-15; 21.30-32).

Escrevendo aos coríntios, Paulo faz um resumo do que havia sofrido pelo Evangelho de Cristo (2Co 11.23-33). Contudo, havia nele, uma visão constante que transpunha o sentimento

⁶“Então, o eunuco disse a Filipe: Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro? Então, Filipe explicou; e, começando por esta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Jesus” (At 8.34-35).

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

de dor e angústia. Na prisão, escreveu aos filipenses: “Quero ainda, irmãos, cientificar-vos de que as coisas que me aconteceram têm antes contribuído para o progresso do evangelho” (Fp 1.12) e, diz mais: “Alegrai-vos sempre no Senhor, outra vez digo, alegrai-vos” (Fp 4.4). O Evangelho prosseguia em sua caminhada vitoriosa a despeito dos obstáculos erguidos contra ele. Paulo estava convencido disso, e demonstrava na prática, que Deus nos faz vencer os obstáculos que estão à nossa frente.

A perseguição não se encerrou no primeiro século. A Igreja, ao longo de toda a História, tem sido alvo de ataques físicos, morais, intelectuais e espirituais, todavia, ao lado destas afrontas, ela tem podido desfrutar da presença confortadora do Espírito Santo. O Espírito que habita em nós, nos conforta em todos os momentos, nos ampara quando parece que não temos onde, ou em quem nos apoiar. “Assim, o Espírito Santo é o autor imediato de toda a verdade, de toda a santidade, de toda a consolação, de toda a autoridade e de toda a eficiência nos filhos de Deus, individualmente, e na Igreja, coletivamente” (HODGE, 2001, p. 396).

De fato, o Senhor Jesus não nos deixou órfãos, Ele mesmo está conosco aqui e agora, e para sempre (Jo 14.16-18/At 9.31). Aqui se torna oportuno transcrever parte de um documento anônimo, escrito ao que parece, no final do 2º século, intitulado *Carta a Diogneto*, que consistia numa explicação do pensamento, conduta e fé cristã, dirigida a um pagão que, impressionado com o testemunho cristão, queria saber mais a respeito dessa religião:

Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por língua ou costumes. Com efeito, não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver. Sua doutrina não foi inventada por eles, graças ao talento e especulação de homens curiosos, nem professam, como outros, algum ensinamento humano. Pelo contrário, vivendo em cidades gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida social admirável e, sem dúvida, paradoxal. Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira. Casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. Põem a mesa em comum, mas não o leito; estão na carne, mas não vivem segundo a carne; moram na terra, mas têm sua cidadania no céu; obedecem às leis; amam a todos e são perseguidos por todos [...]. Pelos judeus são combatidos como estrangeiros, pelos gregos são perseguidos, e aqueles que os odeiam não saberiam dizer o motivo do ódio (CARTA A DIOGNETO, V.1-11,17. p. 22-23).

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

Mesmo com uma história de discriminação, perseguição e martírio, o Cristianismo cresceu. Em 330, Constantino inaugurou a cidade de Constantinopla transferindo a capital de Roma para a nova cidade. Numa carta a Eusébio, bispo de Cesaréia, Constantino pediu, com urgência, a preparação de 50 Bíblias para a nova capital, e revela algo a respeito do crescimento do número de cristãos e de igrejas: “Com a ajuda da providência de Deus, nosso Salvador, são muitíssimos os que se têm incorporado à santíssima Igreja na cidade que leva o meu nome. Parece, pois, mui conveniente que, respondendo ao rápido progresso da cidade sob todos os aspectos, se aumente também o número de Igrejas [...]” (EUSEBIO, IV.36. p. 549). O Cristianismo tornara-se popular, sendo seus cultos muito concorridos.

No entanto, nem tudo era tranquilo. Se por um lado as perseguições cessaram, por outro, vemos que no quarto e quinto séculos tornam-se, evidentes, a influência das religiões de mistério no culto. O antigo respeito para com os mártires transformou-se em culto, surgindo a partir daí um “cristianismo popular de segunda classe”. Aos poucos, os novos convertidos tendiam a transferir a Deus, aos apóstolos e mártires, parte da reverência dos antigos cultos prestados a poderes miraculosos que atribuíam aos seus antigos deuses pagãos. A partir de então, foi apenas um passo para que os apóstolos, os anjos e Maria passassem a ser adorados. O culto cristão pouco a pouco havia se paganizado.

As perseguições geradas pelo Evangelho se constituem em provas de que a nossa proclamação tem sido fiel e, ao mesmo tempo, em oportunidades para que testemunhemos: “Antes, porém, de todas estas coisas, lançarão mão de vós e vos perseguirão (διώκω), entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome; ¹³ e isto vos acontecerá para que deis testemunho (μαρτύριον)” (Lc 21.12-13).

O Espírito alimenta a Igreja, fazendo-a crescer espiritual e numericamente. Creio que o crescimento significativo ocorre nesta ordem. Quando a Igreja conhece a Palavra e a pratica, prega com maior autoridade e, enquanto anuncia e vive o Evangelho, o Senhor por Sua misericórdia, acrescenta o número de salvos. É justamente isto que vemos em Atos: a Igreja pregava a Palavra com fidelidade, vivendo o Evangelho com sinceridade e o Espírito fazendo a Igreja crescer. A melhor estratégia é a do Espírito Santo e, o método infalível de Deus é a pregação fiel da Palavra. A pregação do Evangelho compete ordinariamente a nós. É função

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

exclusiva da Igreja. Não há outra entidade, agremiação ou organização em que Deus os tenha incumbido desse privilégio responsabilizador. "A Igreja é uma instituição especial e especializada, e a pregação é uma tarefa que somente ela pode realizar" (LLOYD-JONES, 1984, p. 23). No entanto, o crescimento, é obra do Espírito (At 2.47; 4.4; 6.7; 9.31; 12.24; 14.1; 16.4-5).

Observemos também, que muitas vezes, a responsabilidade do não crescimento da Igreja está em nós, que nos entregamos a uma letargia espiritual, não amadurecendo em nossa fé e, conseqüentemente, não apresentando um testemunho genuíno (Vejam-se: Hb 5.11-14; 1Co 3.1-9; Ef 4.11-16). Devemos aproveitar as oportunidades que Deus nos dá, aprendendo a Palavra, fortalecendo a nossa fé, nos tornando ensináveis por/de Deus e, assim, viver de modo digno do Senhor, testemunhando o Evangelho com fidelidade e autoridade.

3 O ESPÍRITO CONTINUA A DIRIGIR A IGREJA NA EVANGELIZAÇÃO

O mesmo Espírito que forma a Igreja, também, passa a ela a responsabilidade na Evangelização. Deus escolhe, envia e dirige os seus servos na proclamação do Evangelho (At 8.39-40; 13.1-4). Isto o Espírito faz, ordinariamente, por meio da Igreja como instituição, ainda que não exclusivamente. Seja como for, o meio usado pelo Espírito para dirigir a sua obra missionária é a Palavra de Deus, por isso que, "[...] sem o poder do Espírito Santo a evangelização é impossível". (STOTT, 1984, p. 49).

Quando o rei Frederico IV da Dinamarca precisou de missionários para enviar aos seus súditos, na colônia dinamarquesa de Tranquebar, não encontrou em seu reino quem se dispusesse a fazê-lo. Então recorreu ao pietista alemão August H. Francke (1663-1727), que lecionava na Universidade de Halle, e ele recomendou a Bartholomew Ziegenbalg (1683-1719) e Henry Plutschau (1677-1747). Os enviados partiram da Europa no fim de 1705 e chegaram a Tranquebar no dia 9 de julho de 1706. Foram os dois dos primeiros missionários não católicos a virem para a Índia, provenientes da Europa.

Apesar de não serem bem recebidos pelos colonos dinamarqueses, Ziegenbalg e Plutschau não se intimidaram. Iniciaram os seus estudos do idioma nativo. Ziegenbalg se destacou pela facilidade em aprender outras línguas. Eles traduziram para o *tamil* o Catecismo de

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

Lutero, além de orações e hinos luteranos. Em 1711, por questões de saúde, Plutschau regressou definitivamente para a Europa. Ziegenbalg continuou o seu trabalho: compilou uma gramática *tamil*, escreveu uma obra sobre o hinduísmo, traduziu para o *tamil* o Novo Testamento (1714) e o Antigo Testamento até o livro de Rute. Fundou uma escola industrial e outra para a preparação de catequistas e também a primeira imprensa evangélica da Ásia (esta com a ajuda financeira da Sociedade Anglicana para a Promoção do Conhecimento Cristão). Quando Ziegenbalg morreu, em 1719, existia em Tranquebar uma comunidade luterana de cerca de 350 pessoas. De fato, o Espírito dirigiu os seus servos para aquele país.

Ashbel Green Simonton (1833-1867) sentiu-se chamado para o campo missionário, quando ainda iniciava os seus estudos teológicos no Seminário de Princeton. O instrumento que o Espírito usou para esse despertar, foi Charles Hodge (1797-1879) – um dos maiores teólogos presbiterianos de todos os tempos – por meio de um sermão proferido no Seminário (SIMONTON, 1982, 14/10/1855). Esse desejo foi amadurecendo no coração dele, gradativamente.⁷ No dia 25 de novembro de 1858, Simonton finalmente formalizou a sua proposta à Junta de Missões Estrangeiras (J.M.E.) mencionando o Brasil como o campo de seu interesse. Ele conclui o registro no seu *Diário*, dizendo: “A Ti, Ó Deus, confio meus caminhos na certeza de que o Senhor dirigirá meus passos retamente”. (SIMONTON, 1982, 27/11/1858).

A J.M.E. respondeu, afirmativamente, ao seu pedido, na primeira quinzena de dezembro (SIMONTON, 1982, 13/12/1858). Simonton desembarcou no Brasil em 12/8/1859. Em oito anos de trabalho, ajudado, posteriormente por A. L. Blackford (viera em 25/7/1860), e pelo Rev. José Manoel da Conceição (padre convertido do Catolicismo e ordenado pastor em 17/12/1865), entre outros, Simonton deixou um jornal com tiragem quinzenal, *A Imprensa Evangélica* (primeiro número publicado em 05/11/1864); um Seminário no Rio de Janeiro com quatro alunos (organizado em 14/5/1867); e um Presbitério (Presbitério do Rio de Janeiro, organizado em 16/12/1865), constituído de três igrejas: Rio de Janeiro (organizada em 12/01/1862); de São Paulo (organizada em 5/3/1865); e a de Brotas, (organizada em 13/11/1865).

O Espírito dirigiu, retamente, os passos de Simonton, de Blackford, de Schneider, de

⁷ Vejam-se, *Diário*, 20/01/1856; 04/02/1856; 10/10/1857.

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

Conceição, de Chamberlain e de tantos outros. Nós somos herdeiros desta gloriosa manifestação do Espírito. O Protestantismo brasileiro é devedor a estes e a tantos outros servos de Deus de diversas denominações que, atendendo ao chamado divino, vieram para o Brasil e aqui começaram o trabalho evangélico conforme a sua denominação.

Como já mencionamos, o Espírito dirige a todos nós na proclamação do Evangelho, envia-nos aos nossos familiares, parentes, amigos e vizinhos O *sacerdócio universal dos crentes*, obtido por Cristo, por meio de quem temos livre acesso a Deus (Jo 14.6; 1Tm 2.5; Hb 10.19-25), torna-nos também responsáveis pelo testemunho da mensagem redentora de Cristo (1Pe 2.9). “A igreja é uma realza de sacerdotes, um sacerdócio de reis. E cada sacerdote e rei tem o dever de proclamar as excelências do seu Salvador. [...] Cada cristão é um agente da evangelização, ordenado por Deus”. (KUIPER, 1976, p. 97-98).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A IGREJA COMO PROCLAMADORA DO EVANGELHO

O fundador do Cristianismo foi, pessoalmente, o primeiro dos seus pregadores; mas foi antecedido pelo seu precursor e seguido pelos seus apóstolos, e na pregação destes a proclamação e ensino da Palavra de Deus por meio de discursos públicos ficaram sendo características essenciais e permanentes da religião cristã (DARGAN, 1954, Vol. II, p. 7).

A existência da Igreja determina a sua missão. Por sua vez, a sua missão, como não é algo acidental e periférico, indica a sua própria essência. A igreja foi constituída por Deus para glorificar- Lhe em sua existência. E, de fato, o Senhor é glorificado quando a Igreja Lhe obedece. A Igreja tem como razão de sua constituição o culto a Deus. Ela manifesta-se como povo de Deus em ato de culto: o povo redimido que narra a obra vitoriosa de Cristo, sendo esta obra o testemunho concreto do poder amoroso e misericordioso de Deus. O ato de culto, portanto, é um ato também de proclamação. A evangelização, corretamente entendida, é uma atitude de culto por meio da qual testemunhamos quem é Deus e o que ele tem feito e pode fazer conforme as suas promessas. Por isso, toda proclamação cristã envolve, em si mesma, um desafio, para que os nossos ouvintes, por graça, respondam, com fé, ao nosso testemunho

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

que nada mais é do que o anúncio do Evangelho. No culto, a igreja compartilha a graça da qual ela é beneficiária. Isto é algo maravilhoso: o culto a Deus é prestado pelos redimidos que anunciam a misericórdia manifestada em sua redenção, convocando a todos a que se rendam a Deus e passem, também, tributar-lhe glória.

Calvino, comentando Gálatas 4.26, diz: “A Igreja enche o mundo todo e é peregrina sobre a terra. [...] Ela tem sua origem na graça celestial. Pois os filhos de Deus nascem, não da carne e do sangue, mas pelo poder do Espírito”. Continua: “Eis a razão por que a Igreja é chamada a mãe dos crentes. E, indubitavelmente, aquele que se recusa a ser filho da Igreja debalde deseja ter a Deus como seu Pai. Pois é somente através do ministério da Igreja que Deus gera filhos para si e os educa até que atravessem a adolescência e alcancem a maturidade”. (1988b, (Gl 4.26), p. 144). A peregrinação da Igreja tem um sentido *missionário* (“[...] até os confins da terra”) e *escatológico* (“[...] até a consumação do século”): enquanto ela caminha, confronta os homens com a mensagem do Evangelho, conclamando a todos ao arrependimento e fê em Cristo Jesus até que ele volte.

Nós somos o meio ordinário estabelecido por Deus para que o mundo ouça a mensagem do Evangelho. Jesus Cristo confiou à Igreja – como já fora mencionado, prioritariamente como organização, ainda que não exclusivamente –, a tarefa evangelística. A Igreja é “[...] o agente por excelência para a evangelização”. (KUIPER, 1985, p. 220). Nenhum homem será salvo fora de Cristo, mas para que isto aconteça, ele tem que conhecer o Evangelho da Graça. Como crerão se não houver quem pregue? (Rm 10.13-15). “O evangelismo pelo qual Deus leva os seus eleitos à fê é um elo essencial na corrente dos propósitos divinos” (PACKER, 1994, p. 146).

A Igreja de Deus é identificada e caracterizada pela genuína pregação da Palavra de Deus. A Igreja, na sua proclamação, revela quem é: nós somos identificados não simplesmente pelo que dizemos a nosso respeito, mas, principal e fundamentalmente, pelo que revelamos em nossos atos. A Igreja revela-se como povo de Deus no seu testemunho a respeito de Deus e da sua glória manifestada em Cristo, bem como, na declaração do pecado humano e da necessidade de reconciliação com Ele. A Igreja não é a mensagem, antes, é o meio de proclamação. Todavia, neste ato de proclamação das virtudes de Deus, ela torna patente a sua identidade divina, demonstrando o poder de Quem ela testemunha, visto ser ela o monumento da gra-

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

ça e misericórdia de Deus, constituído a partir da Palavra criadora Dele.

Hoeksema (1976, p. 621) enfatiza: “Somente quando a Palavra de Deus é pregada, de acordo com as Escrituras, ali é ouvida a voz do Bom Pastor, chamando suas ovelhas pelo nome. [...] Quando a Palavra não é pregada, ali Cristo não fala sua Palavra de salvação, e ali não está reunida a Igreja”.

Conforme vimos, o Espírito capacita a Igreja a cumprir o que Jesus lhe ordenou. Isto ele faz concedendo-lhe poder (At 1.8; 4.8-13, 31). Somente o Espírito pode capacitar a Igreja a desempenhar de forma eficaz o seu ministério. O texto de Atos 1.8 resume bem o conteúdo do Livro de Atos: Igreja testemunha no poder do Espírito de Jesus (At 16.7). “O poder do Espírito Santo é sua capacidade de ligar os homens ao Cristo ressurreto de tal maneira que sejam capacitados a representá-Lo [*sic*]. Não há nenhuma bênção mais sublime”. (BRUNER, 1983, p. 129). Como bem observa Stott (1994, p. 38), do mesmo modo que o Espírito veio sobre Jesus equipando-o para o seu Ministério público, o Espírito deveria vir sobre o seu povo capacitando-o para o seu serviço. No Pentecostes, se concretiza historicamente a capacitação da Igreja para a sua missão no mundo. O Pentecostes revela o caráter missionário da Igreja, tornando cada crente uma testemunha de Cristo. “Pentecostes significa evangelismo” (KUIPER, 1985, p. 221). E isto, no poder do Espírito, derramado de forma sobrenatural. “O dia de Pentecostes foi sem dúvida um momento extraordinário de transição em toda a história da redenção registrada nas Escrituras. Foi um dia singular na história do mundo, porque naquele dia o Espírito Santo começou a atuar entre o povo de Deus com o poder da nova aliança”. (GRUDEM, 1999, p. 641).

A Igreja, como vimos, é uma testemunha comissionada pelo próprio Deus, para narrar os seus atos gloriosos e salvadores. A igreja é o meio ordinário de Deus para esta tarefa. Assim, a sua mensagem não foi recebida de terceiros, mas sim, diretamente de Deus, por meio da Palavra do Espírito, registrada nas Sagradas Escrituras. A Igreja declara ao mundo, o “Evangelho do Reino”, visto e experimentado por ela em sua cotidianidade. “A Igreja e o evangelho são inseparáveis. [...] A Igreja é tanto o fruto como o agente do evangelho, visto que por meio do evangelho ela se desenvolve e por meio dela se propaga aquele”. (STOTT; MEEKING, 1988, p. 62). O testemunho da Igreja é resultado de uma experiência pessoal: o Espírito dá testemunho do Filho, porque procede do Pai e do Filho (Jo 14.26; 15.26; Gl 4.6);

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

nós damos testemunho do Pai, do Filho e do Espírito, porque os conhecemos e temos o Espírito em nós (Jo 15.26,27; 14.23; Rm 8.9). Notemos, contudo, que a experiência da Igreja não se torna a base da sua proclamação, ela anuncia, não as suas experiências, mas, a Palavra de Deus. A nossa tarefa é ensinar o Evangelho tal qual registrado nas Escrituras, em submissão ao Espírito que nos dá compreensão na/ e por meio da Palavra (Sl 119.18).

O poder do Espírito não significa simplesmente uma vitória sobre as dificuldades, antes, ele nos fala do triunfo, mesmo quando a derrota nos parece evidente. Assim, Estevão testemunhou no poder do Espírito e foi apedrejado; Paulo cumpriu seu ministério sob a direção do Espírito e foi preso e martirizado. Estes exemplos, que não são isolados, nos falam de uma aparente derrota e frustração, todavia, é apenas uma falsa percepção dos fatos. O poder do Espírito é a capacitação para levar adiante a mensagem de Cristo, mesmo que isto nos custe o mais alto preço do testemunho, que é o martírio. A Igreja no poder do Espírito declara solene e corajosamente: “Nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (At 4.20). “Antes importa obedecer a Deus do que aos homens” (At 5.29). “Estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus” (At 21.13).

A Igreja tem, com muita frequência, se distanciado daquilo que a caracteriza: a pregação da Palavra que consiste no ensino da verdade e o genuíno culto ao Deus verdadeiro. Ela tem feito discursos políticos, sociais, ecológicos, etc., todavia, tem se esquecido de sua prioridade essencial: pregar a Palavra a fim de que os homens se arrependam e sejam batizados, ingressando, fazendo parte do Corpo de Cristo. Com isto, não estamos defendendo um total distanciamento da Igreja do que ocorre na História, pelo contrário, a Igreja deve agir de forma evidente e efetiva na História. Acontece que ela age de forma eficaz, não com discursos rotineiros a respeito da pobreza, da violência, das guerras e do desmatamento, mas sim, na proclamação do Evangelho de Cristo, que é o poder de Deus para a transformação de todos os homens que creem (Rm 1.16-17). A recomendação bíblica é: “Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina (διδασκαλία); pelo contrário, cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas. Tu, porém, sê sóbrio em todas as cousas, suporta as aflições, faz o trabalho de evangelista, cumpre cabalmente o teu ministé-

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

rio" (2Tm 4.2-5) (ênfases nossas).

Ribeiro (1989, p. 42-43), com a sua costumeira e clara percepção, assevera:

A Igreja declara que a relação se restabeleceu entre Deus e o homem, pela Palavra criadora de Deus. Eis uma declaração que inquieta o mundo; eis uma declaração que provoca a fúria homicida do mundo em agonia, contra a Igreja imortal, o que tantas vezes faz da testemunha, mártir; e da Revelação a João, a tela de horrores apocalípticos, onde a besta desesperada tenta em vão destruir a Igreja. Mas a Igreja há de dar testemunho: não pode fugir à vocação de seu ser.

A Igreja é a comunidade de seres humanos organizada pela presença permanente do Espírito Santo [...] conservada no mundo para ser testemunha de Cristo por meio da Palavra de Deus.

Por isso, a Igreja como testemunha, não tem o direito de optar se deve ou não dar o seu testemunho, nem a quem deve testemunhar: ela de fato, não pode se calar, do mesmo modo que não podemos deixar de respirar. A Igreja não pode renegar a sua missão, visto que ela “não pode fugir à vocação do seu próprio ser”. (At 1.8; 4.8-13; 6.10/7.55; 9.17-20; 11.21.25; 13.9-12).

Como Igreja, somos levados sob a direção do Espírito, de forma irreversível, a testemunhar sobre a realidade de Cristo e do poder da sua graça. “Viver segundo a direção do Espírito é viver na força do Espírito [...]. A única maneira pela qual podemos viver pela força do Espírito é mantendo comunhão com Ele [*sic*].” (HOEKEMA, 1997, p. 59).

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

REFERÊNCIAS

- BRUCE, Frederick F. Interpretação Bíblica. In: DOUGLAS, J.D. ed. org. *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Junta Editorial Cristã, 1966, Vol. II, p. 751-753.
- BRUNER, F. D. *Teologia do Espírito Santo*. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- CALVINO, João. *As pastorais*. São Paulo: Paracletos, 1998.
- _____. *Gálatas*. São Paulo: Paracletos, 1998b.
- CARTA A DIOGNETO, I: In: *Padres Apologistas*. São Paulo: Paulus, 1995.
- DARGAN, C. *A history of preaching*. Grand Rapids, MI.: Baker Book House, 1954, 2 Vols.
- GRUDEM, Wayne A. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- EUSEBIO. The Life of Constantine. In: SCHAFF, Philip; WACE, Henry, eds. *Nicene and Post-Nicene Fathers of Christian Church*, (Second Series) Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, (reprinted), 1978, Vol. I.
- HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2001.
- HOEKEMA, A. A. *Salvos pela graça*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1997.
- HOEKSEMA, Herman. *Reformed dogmatics*. 3. ed. Grand Rapids, Michigan: Reformed Publishing Association, 1976.
- KUIPER, R. B. *El cuerpo glorioso de Cristo*. Grand Rapids, Michigan: Subcomision Literatura Cristiana de la Iglesia Christiana Reformada, 1985.
- _____. *Evangelização teocêntrica*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1976.
- LLOYD-JONES, D.M. Martyn. *Pregação e pregadores*. São Paulo: Fiel, 1984.
- PACKER, J. I. *Vocábulo de Deus*. São Paulo: FIEL, 1994.
- RIBEIRO, Boanerges. *O Senhor que se fez servo*. São Paulo: O Semeador, 1989.
- SIMONTON, A.G. *Diário (1852-1867)*. São Paulo: CEP/O Semeador, 1982.
- STOTT, John R.W. *A Mensagem de Atos: até os confins da terra*. São Paulo: ABU., 1994.
- _____. *Crer é também pensar*. 2ª impr. São Paulo: ABU, 1984.
- STOTT, John R.W.; MEEKING, Basil (Eds.). *Dialogo sobre la mision*. Grand Rapids, Michigan: Nueva Creación, 1988.